



IDTECH[®]
INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E HUMANO
idtech.org.br



ANEXO 01 Matéria Veiculada no Jornal O Popular.





Ata da Reunião Ordinária do Conselho de Administração do IDTECH – Instituto de Desenvolvimento Tecnológico e Humano, realizada em 02 de dezembro de 2020.

Aos dois dias do mês de dezembro de dois mil e vinte, às 17h20min (dezessete horas e vinte minutos), por videoconferência, utilizando a plataforma Zoom, tendo em vista que segundo o artigo 7º da Lei 14.030 de 28/07/2020, as associações deverão observar as restrições à realização de reuniões e de assembleias presenciais até 31/12/2020, observadas as determinações sanitárias das autoridades locais, estiveram reunidos os membros do Conselho de Administração, conforme convocação de seu Presidente para deliberarem sobre a seguinte Ordem do Dia: **Item 1) Matéria Veiculada no Jornal O Popular**. Inicialmente, o Presidente do Conselho de Administração, Dr. Valterli Leite Guedes, procedeu a abertura da reunião agradecendo a presença de todos e verificando o comparecimento dos seguintes Conselheiros: Maria Aparecida Batista da Costa de Faria, Edna Maria Covem, Javier Miguel Magul, Alair Domiciano, Wagner Nogueira da Silva e Helena Maria Boaretto Paula Vasconcelos e Eunice Machado Nogueira. Em seguida, justificou a ausência do conselheiro Nilzio Antônio da Silva, que por razões profissionais não pode estar presente. Dada à especificidade da reunião, participaram os seguintes convidados: José Cláudio Romero – Superintendente, Lúcio Dias Nascimento – Coordenador Executivo, Alessandro Jorge Lima – Coordenador do Núcleo de Articulação Sócio Institucional, Dr. Marcelo de Oliveira Matias – Assessor Jurídico, Denyse Goulart – Diretora Geral da Hemorrede, Ana Cristina Mendes – Diretora Técnica da Hemorrede, Adonai Andrade – Coordenador do Núcleo de Inovação Tecnológica, e Carolina Pessoni – Assessora de Comunicação. Após, o Presidente do Conselho de Administração passou ao cumprimento da Ordem do Dia, abrindo a pauta com o **Item 1 – Matéria Veiculada no Jornal O Popular**: A palavra foi passada para o Sr. José Cláudio Romero que demonstrou a matéria feita em comemoração ao aniversário de Goiânia, a qual contou a história da Professora Maria do Rosário e encontra-se na íntegra no **Anexo 01**. Disse, ainda, sentir orgulho de tê-la como conselheira do Conselho de Administração do Instituto e que seu legado é um exemplo a ser seguido. O Presidente do Conselho, Dr. Valterli Leite, também elogiou o trabalho da Professora Maria do Rosário à frente da Universidade Federal de Goiás, destacando sua qualificação técnica e curricular para ocupar o cargo. Em seguida, foi consultada a todos sobre o uso da palavra e a Sra. Tatiane Lemes colocou em pauta a data para realização das 2 (duas) próximas reuniões do Conselho e, após





IDTECH[®]
INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E HUMANO
idtech.org.br



discussões, foi definido que serão em 15 de Dezembro/2020 e 05 de Janeiro/2021. Logo após, sem que nenhum dos Conselheiros e convidados presentes quisessem fazer uso da palavra, o Presidente agradeceu a presença de todos e deu por encerrada a reunião. Assim, sendo que mais nada houvesse para ser tratado eu, Tatiane Lemes Moreira Ribeiro, Secretária do Conselho de Administração do IDTECH, lavrei a presente ata que, após lida vai assinada por mim

Tatiane Lemes Moreira Ribeiro

_____ e pelo Presidente do Conselho de Administração.

Valterli Leite Guedes
VALTERLI LEITE GUEDES
Presidente – Conselho de Administração



8



IDTECH®
INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E HUMANO
idtech.org.br



CONVOCAÇÃO

O Presidente do Conselho de Administração do **Instituto de Desenvolvimento Tecnológico e Humano – IDTECH**, no uso de suas atribuições estatutárias **CONVOCA** os membros do Conselho para reunirem-se **ordinariamente** no dia 02/12/2020, às 17h20min, para deliberarem sobre a seguinte Ordem do Dia:

1) Matéria Veiculada no Jornal O Popular.

Goiânia/GO, 18 de novembro de 2020.


Valterli Leite Guedes
Presidente



GOIÂNIA

87

Esa menina não para. De lá para cá, de cá para lá, palmeilhando cada rua do Centro dessa cidade. Nessa bicicleta, ela vai longe, arriscando-se neste cascalho traçoeteiro. Só tem asfalto na Praça Cívica e na Avenida Goiás até a Praça do Bandeirante. O restante é só terra, poeira, lama na época de chuva. Mesmo assim, ela continua a brincar com sua bicicleta. Ela e tantas outras crianças. Aproveitam a liberdade de uma cidade ainda pequena, segura, onde todos conhecem todos. Deixa ela brincar, mas não vai reclamar-se um dia desses se esborrachar no chão, se esfolar toda nesse terrão

arido. Mas, mesmo se levar um tombo, terá valido a pena se divertir tanto.

Olha, lá! Não falei? "Um dia eu caí no meio da Avenida Anhangüera. Parte dela era puro cascalho. Levei o maior tumbão", confessa, entre risos, Maria do Rosário Cassimiro, 80 anos de idade, educadora, moradora da capital goiana desde 1945, primeira mulher a ocupar a reitoria de uma universidade federal em todo o País. A menina da bicicleta é uma das imagens mais fortes que tem de uma adolescência feliz em Goiânia, para onde veio com a família em busca de estudos. "Nasci em Catalão, mas lá não havia muitas oportunidades nessa área. Aqui já existiam colégios bons, como o Santo Agostinho, o Aeneu Dom Bosco, o Ijuéu."

Foi para uma modesta casa em frente a um deles que Maria Cassimiro, pai e irmãos se mudaram, depois de morarem num invésel alugado entre as Ruas 5 e 20, no Centro. "Essa foi a primeira casa que compramos aqui e tinha só um quarto. Ficava ali na Rua 56, no antigo Bairro Popular, de frente ao Colégio Santo Agostinho. Depois meu pai aumentou o imóvel." Era, na verdade, voltar a uma antiga vizinhança, ainda dos tempos



A menina de bicicleta

Goiânia viu a garota que viria a ser a primeira reitora de uma universidade federal no Brasil brincar por suas ruas empoeiradas. E Maria Cassimiro viu uma cidade transformar-se

de Catalão. "Madre Esperança Garrido, que agora é até nome de teatro, era a diretora do Santo Agostinho. Ela conhecia meu pai e ficou muito feliz quando nos mudamos para cá, quando fomos estudar com ela."

Uma decisão que começou num dia festivo. Festivo para toda a cidade. "Meus pais vieram assistir ao Batismo Cultural de Goiânia, em julho de 1942. Minha mãe ficou encantada com a cidade e ela e meu pai passaram a planejar nossa vinda para cá. Ambos achavam que aqui estava o futuro para a família e estavam certos." Realmente, a vida de todos mudou, passando por alterações profundas no mesmo ritmo em que a cidade experimentava seu progresso. "Goiânia ia até a ponte do Botafogo, ali na Av. Anhangüera. Para o lado de lá não tinha nada. Era só mato." Um erro que Maria do Rosário ajudaria a desbater.

Sua trajetória de vida está ligada às duas principais universidades fundadas em Goiânia, a antiga Católica e a Federal. "A primeira universidade foi a Católica, um ano mais velha que a

Federal. A Federal começou dentro do Colégio Santo Agostinho, de frente da minha casa. E a Católica começou as construções lá no alto do Setor Universitário. Lá eu me formei em Pedagogia. Não havia nada, nem uma casa naquela região naquele tempo. Nós fomos até lá andando por uma ladreira por onde a água das chuvas escorria e faziam vãos profundos na terra. Hoje, esse local é a Praça do Botafogo."

A moça curiosa encontrou na educação a sua vocação. Para estudar do outro lado de um bem mais caudoso Córrego Botafogo, ela atravessava uma das primeiras pontes da cidade. Não era raro ela passar nas proximidades do Bosque do Botafogo, que era chamado de Matinho naquele tempo, onde acontecia algo inimaginável para os dias atuais. "Ali, as lavadeiras iam fazer seu trabalho. Era uma água limpinha. Foram construídos alguns tanques para que elas pudessem lavar a roupa no Botafogo. Só muitos anos depois, o Iris Rezende, quando era prefeito, construiu o Parque Mutirama no lugar. Mas o bosque ainda existe", ressalta.



Minha mãe ficou encantada com a cidade e ela e meu pai passaram a planejar nossa vinda para cá. Ambos achavam que aqui estava o futuro para a família e estavam certos"

As lavadeiras do Botafogo é que não existem mais, assim como as áreas desabitadas do Setor Universitário. Em 1982, esse bairro, assim como o Câmpus Samambaia da UFG na Região Norte da cidade, presenciaram algo inédito. Pela primeira vez, uma mulher foi nomeada reitora de uma universidade federal no Brasil. Uma honra que coube exatamente à menina de bicicleta que palavra erosões causadas por enxurradas para poder

estudar. "Eu nunca poderia imaginar algo assim. Nunca. E foi surpreendente mesmo, porque fui nomeada para o cargo no regime militar, o que mostrou que os militares no poder não eram tão machistas quanto pensávamos."

Naquela época, Goiânia era uma cinquentona que procurava viver ciclos de desenvolvimento. E eles vieram. "Goiânia será uma segunda São Paulo", prevê Maria Cassimiro. "Só que mais bonita, com um traçado melhor, mais arborizada", acrescenta. "Antes de Brasília, a gente chamava Goiânia de 'Capital Cagala do Brasil'." Seus pensamentos viajam de volta no tempo, a uma época em que a professora reconhecida nacionalmente, que ajudou a fundar a Universidade do Tocantins no início dos anos 1990, não pensava em ser educadora. "Acho que foi a providência divina que colocou o magisterio no meu caminho."

Um caminho que leve episódios interessantes. Na segunda metade dos anos 1940, era possível ver Maria Cassimiro em um desfile de 7 de setembro, munida de sua inseparável bicicleta, com falas verdes e amarelas, descendo a Avenida Araguaia, da Praça Cívica até a Avenida Paranaíba. Ou quem sabe poderia assistir anteadas festas juninas na recém construída sede social do Jôquei Clube, na Avenida Anhangüera, onde a jovem Maria Cassimiro mostrava seu talento tocando acordeão. "É um crime quererem demolir aquele prédio. Ele era lindíssimo, perfeitamente cabível nos dias atuais", lamenta quem viu o edifício novinho em folha.

Este e muitos outros prédios históricos. "Aqueles prédios da Praça Cívica, do antigo Ministério da Agricultura, dos Correios, do Tribunal de Justiça", menciona. E um bem ao lado de sua casa. "Sim, me lembro desde o início do prédio da Escola Técnica, ali ao lado do Santo Agostinho. Havia dois galpões, um para as aulas, outro para o teatro, que dava para a Rua 66." Por todos esses locais, ela andou e guardou na memória uma Goiânia que não existe mais: a Praça do Cruzetiro cercada por mato, os terrenos baldios onde seriam construídos bairros nobres, como Marista e Bueno, as meninas de bicicleta que percorriam uma cidade em seu nascimento.

CONTINUA NA PÁGINA 28